DO QUE SE DEVE OBSERVAR QUANDO ESTAMOS À MESA […]. ETIQUETA E CIVILIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA MESA NA AZULEJARIA DO SÉCULO XVIII*

MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA**

Resumo: *A representação da mesa na azulejaria portuguesa dos finais do século XVII e do século XVIII constitui um importante objeto de estudo para a compreensão das relações entre cultura visual, práticas de sociabilidade e modelos de comportamento no período moderno. A presente abordagem propõe a análise deste repertório iconográfico em articulação com a literatura de civilidade e os discursos normativos evidenciando os mecanismos de construção e projeção social associados ao espaço da mesa. Neste enquadramento, os conceitos de aparato, etiqueta e civilidade assumem, na pintura azulejar, uma dimensão ideológica e simbólica particularmente significativa, refletindo os valores e as formas de autorrepresentação da sociedade setecentista. O azulejo adquire, assim, uma função cenográfica e representacional, participando na teatralização do espaço doméstico e na afirmação visual das hierarquias e códigos sociais.*

Palavras-chave: *etiqueta; literatura comportamental; azulejo barroco; artes decorativas.*

Abstract: *The representation of the table in late seventeenth- and eighteenth-century Portuguese tilework constitutes an important subject of study for understanding the relationships between visual culture, practices of sociability, and models of behaviour in the Early Modern period. This study proposes an analysis of this iconographic repertoire in conjunction with conduct literature and normative discourses, highlighting the mechanisms of social construction and projection associated with the space of the table. Within this framework, the concepts of display, etiquette, and civility acquire a particularly significant ideological and symbolic dimension in tile painting, reflecting the values and forms of self-representation of eighteenth-century society. Tilework thus assumes a stenographic and representational function, contributing to the theatricalization of domestic space and to the visual affirmation of social hierarchies and codes.*

Keywords: etiquette*; conduct literature; Baroque tilework; decorative arts.*

> *MESA, ou Meza. Móvel de casa asentado em três, ou quatro pés, com superfície plana, em que se poem os pratos com o comer* […] *com este mesmo nome Latino se chamão os bofetes em que se escreve ou se joga ou que servem de ornato à casa* […] *Por na meza excellentes iguarias* […] *Por ou admitir alguém à sua meza* […] *meza mede a pessoa, que come, de maneira, que há de ser a medida de qualidade e dignidade* (Bluteau 1712-1721, pp. 445-446).

---

* Este texto retoma argumentos já desenvolvidos e fontes citadas em CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, 2011. Aparato e cenografia. A representação das artes da mesa na azulejaria do Portugal moderno (séculos XVII e XVIII). Em: Ana Isabel BUESCU, e David FELISMINO, eds. *A Mesa dos Reis de Portugal: Ofícios, Consumos, Cerimónias e Representações (Séculos XIII-XVIII)*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 420-437.

** Universidade Aberta / UÉVORA | CHAIA | IN2PAST. Email: matgc@uab.pt. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1423-9824.

PREÂMBULO

A representação das Artes da Mesa apresenta-se como um assunto recorrente nos apontamentos sobre o quotidiano na azulejaria portuguesa, especificamente entre os finais do século XVII e o século XVIII. Assume-se como um tema iconográfico intimamente conotado com uma «arte de bem viver», acompanhando a evolução do gosto e tipo específico de «consumo» estético de uma determinada franja da sociedade portuguesa de então.

A questão central que nos tem interessado é a reflexão sobre a apresentação deste universo iconográfico procurando descodificar e perspetivar as relações do azulejo e a sociedade coeva, cruzando a caracterização de determinados modelos socioculturais da época «moderna» com o discurso plástico do azulejo deste período (Câmara 2005b).

Nos últimos 20 anos, temos assistido a um renovado interesse pelo património azulejar e à divulgação de um conjunto vasto de estudos, trabalhos e publicações sobre a azulejaria portuguesa, propondo-se uma releitura desta produção artística, que urge ser cada vez mais integrada e articulada.

A função social do azulejo em contexto civil ligada ao gosto e consumo e uma aproximação à encomenda e ao cruzamento com um terreno mais vasto da arte e da cultura portuguesas ganharam significativa relevância, tornando-se novos enfoques de discussão e investigação. A Academia tem refletido e trabalhado a importância da azulejaria como uma área de estudo atendendo às novas leituras sobre este objeto artístico.

Nesta perspetiva, e, tendo em conta o espaço da pintura azulejar, a utilização dos termos etiqueta e civilidade contem uma apropriação ideológica com um sentido muito preciso, conotado com a perceção que a sociedade do século XVIII projeta de si própria.

Desse modo, a análise combinada de um conjunto de textos sobre literatura comportamental, tratados de civilidade e da perspetiva artística aplicada à organização do discurso das imagens, em torno do quotidiano da mesa, pretende contribuir para um melhor conhecimento da produção das artes visuais nos séculos XVII e XVIII, em Portugal, onde evidentemente o azulejo adquire uma função social e cenográfica (Câmara 2003, pp. 327-342).

O azulejo irá refletir esta atitude de exibição, procurando conferir ao momento da refeição uma dimensão teatral e cenográfica atendendo a duas importantes questões: discurso normativo e comportamentos sociais e o quotidiano da mesa e o discurso plástico do azulejo.

1. DISCURSO NORMATIVO E A LITERATURA DE CIVILIDADE

Estabelecendo uma relação comparativa entre o universo plástico da azulejaria civil portuguesa do período em estudo e o modelo referencial em termos sociais e culturais da sociedade que a encomenda, o azulejo permite-nos enquanto instrumento de representação espacial captar esse jogo mimético entre o modelo social e cultural e a sua reprodução num campo alargado de «espelhos» que refletem um aspeto essencial da cultura portuguesa da época. Referimo-nos neste ponto aos «consumos» de uma cultura de elites, que procurou seguir, por imitação, a corte, assente fundamentalmente numa nobreza tradicional e numa burguesia nobilitada de crescente poder na sociedade. Enquanto grupo social, a sua postura cultural e vivencial traduziu-se em práticas muito específicas que encontraram ecos ao nível do discurso comportamental e normativo e onde a mesa ocupa um espaço destacado.

Neste contexto, e para o quadro português, deparamo-nos com várias questões: quais as fontes acessíveis e disponíveis para caracterizar o sistema destas posturas e comportamentos sociais? Onde poderemos encontrar as representações que esta sociedade construiu para o seu próprio desempenho? Que relações, diretas ou não, se podem estabelecer com o todo da azulejaria portuguesa deste período?

Uma resposta a estas questões e interrogações encontrar-se-á num grupo de textos, designado por literatura de civilidade ou de comportamento social, produzidos entre o século XVI e o século XIX na Europa (dos quais se conhecem traduções e adaptações em Portugal) que codificaram e regulamentaram detalhadamente os comportamentos sociais.

Pela sua amplitude trata-se de uma categoria de textos que constitui um ponto de partida para o entendimento alargado da história sociocultural, para além de revelar ser da maior importância como fonte documental.

Na literatura dedicada ao comportamento social, é possível distinguir, à partida, três grandes grupos tipológicos. O primeiro compreende os tratados de etiqueta de carácter mais restrito e direcionado, os quais regulamentavam a organização da vida em grupo, destacando-se, entre outros aspetos, as normas associadas à mesa. Estas obras destinavam-se a um público presumivelmente já iniciado em determinadas convenções sociais, centrando-se, assim, numa aprendizagem mais elaborada das artes de saber estar e de agradar, bem como na aquisição de qualidades consideradas essenciais para a obtenção de projeção social e política.

O segundo grupo é constituído por tratados de civilidade que abrangem a totalidade dos aspetos da vida quotidiana, funcionando, em essência, como lições de «bem viver», definidas em função dos seus destinatários e da mensagem que pretendiam transmitir. Muitas dessas obras correspondem a traduções livres ou adaptações de manuais de origem francesa, enquanto outras assumem um carácter marcadamente pedagógico.

Por último, o grupo mais abrangente onde se incluem textos satíricos e toda a literatura de cordel, sobretudo conseguidos por um peso excessivo na identificação de práticas vestimentares ridículas, os gestos afetados das personagens e da ostentação de uma riqueza virtual (Câmara 2005a, pp. 217-228).

Consultando alguns índices destas obras, encontramos um repositório de elementos escritos referentes a muitos gestos do quotidiano, onde estar à mesa assumia as suas regras próprias: «Do que se deve observar quando estamos à mesa» (Prévost 1787).

Exigia-se o conhecimento dos preceitos, não só de estar à mesa, como do desenrolar do seu serviço como nos indicam os dois exemplos conhecidos: Lucas Rigaud, *Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha* (Fig. 1) e Domingos Rodrigues, *Arte de cozinha dividida em três partes* (Fig. 2).

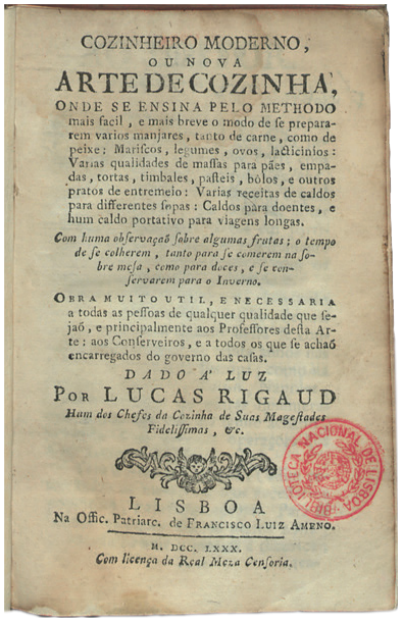

COZINHEIRO MODERNO,
OU NOVA
ARTE DE COZINHA,
ONDE SE ENSINA PELO METHODO mais facil, e mais breve o modo de se prepararem varios manjares, tanto de carne, como de peixe: Mariscos, legumes, ovos, lacticinios: Varias qualidades de massas para pães, empadas, tortas, timbales, pasteis, bolos, e outros pratos de entremeio: Varias receitas de caldos para differentes sopas: Caldos para doentes, e hum caldo portativo para viagens longas.
Com huma observação sobre algumas frutas; o tempo de se colherem, tanto para se comerem na sobre mesa, como para doces, e se conservarem para o Inverno.
OBRA MUITO UTIL, E NECESSARIA a todas as pessoas de qualquer qualidade que sejaõ, e principalmente aos Professores desta Arte: aos Conserveiros, e a todos os que se achaõ encarregados do governo das casas.
DADO Á LUZ
POR LUCAS RIGAUD
Hum dos Chefes da Cozinha de Suas Magestades Fidelissimas, &c.
LISBOA
Na Offic. Patriarc. de FRANCISCO LUIZ AMENO.
M. DCC. LXXX.
Com licença da Real Meza Censoria.

Fig. 1. RIGAUD, Lucas, 1780. *Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Domínio público


ARTE
DE COZINHA
DEVIDIDA EM TRES PARTES,
A PRIMEIRA TRATA DO MODO DE cozinhar varios pratos de todo o genero de carnes, e de fazer conservas, pasteis tortas, e empadas.
A SEGUNDA TRATA DE PEIXES, Mariscos frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, e conservas, pertencentes ao mesmo genero.
A TERCEIRA TRATA DA FORMA DE banquete para qualquer tempo do anno, e do modo com q̃ se hospedaráõ os Embaixadores, e como se guarnece huma mesa redonda à Estrangeira.
Composta, e terceira vez accrescentada
Por DOMINGOS RODRIGUES,
Mestre da Cozinha de Sua Magestade.
LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA FERREIRIANA,
M. DCC. XXXII.
Com todas as licenças necessarias.

Fig. 2. RODRIGUES, Domingos, 1748. *Arte de cozinha dividida em três partes*. Lisboa: Officina de Manoel António. Domínio público

Procurava-se estabelecer um sistema de relações entre os convivas, os alimentos e o uso adequado dos utensílios, bem como, em determinados casos, os modos corretos de trinchar as diferentes peças de assados. Estes elementos, em articulação com os manuais de cozinha, contribuíam para a construção de um quadro normativo relativo à etiqueta e à civilidade à mesa.

Autores como João Rosado de Villa-Lobos e Vasconcelos (1739-1785) e João de Nossa Senhora da Porta Siqueira (?-1797), entre muitos outros, ofereciam aos leitores orientações detalhadas sobre os preceitos desta prática social. O primeiro afirmava, na sua *Arte de Educar a Mocidade*, que:

> *Ha tres mezas em que mostra o Homem toda a grandeza do seu coração: a Sagrada Meza da Comunhão em que se mostra a piedade, a meza do jogo, em que se mostra a sua educação e as virtudes e vícios da Natureza e por fim, a Meza em que se come onde se manifesta claramente a doçura dos costumes e a policia da sua conduta e o génio dominante da sua vida* (Vasconcelos 1782, pp. 126-139).

O segundo autor dedica e consagra um capítulo inteiro (capítulo VIII) da sua obra ao uso e às práticas da mesa: «É fácil seguir um itinerário: Da Mesa. Colher, Garfo, Faca, Guardanapo, Prato, Pão, Fruta, Disposição da Mesa e Cobertas, Serventia, Trinchar» (Siqueira 1791, p. 118).

São ensinadas lições, sobretudo, a postura do corpo que deve restringir-se ao espaço da mesa:

> *Ninguém se assenta, nem levanta primeiro da mesa, que o Senhor da casa, ou antes que o faça a primeira figura de função. O lugar da cabeceira, que fica à direita dos convidados he o melhor nas mesas oblongas, e nas redondas o mais distinto he onde está a pessoa mais autorizada e os imediatos a ella* (Siqueira 1791, p. 127).

E o respeito pelas relações sociais: «O Senhor da casa lhe destinará a cadeira em que deve sentar-se e quando lhe seja permitindo escolhe lla não tenha a inadvertência de procurar o melhor assento e mais honrado da mesa» (Siqueira 1791, p. 127) e, pela comensalidade do repasto: «Não se molhe no vinho… se as côdeas forem muito duras, que não queiramos comellas […] Quando crescer alguma cousa no vosso prato, nunca lançaremos outra vez na coberta» (Siqueira 1791, p. 129).

Constata-se que o ato de comer é objeto de um processo sistemático de codificação e ritualização, que abrange desde a composição das refeições e a organização do serviço, até à disposição dos pratos, incluindo ainda os comportamentos prescritos tanto aos convivas como aos criados. A mesa assume, assim, um estatuto autónomo nos manuais de civilidade, constituindo um capítulo específico regido por normas próprias e claramente delimitadas, conforme atesta outra fonte coeva, *Cartas sobre Modas* (1789).

As descrições presentes neste conjunto de cartas configuram um verdadeiro manual de orientação relativo à gestão de determinados atributos exteriores de representação social, contemplando, de forma pormenorizada, aspetos como o traje

e o penteado, a ornamentação e o cerimonial da mesa, o mobiliário, o uso das carruagens, entre outros elementos significativos.

As mesas eram cuidadosamente e meticulosamente ornamentadas, sendo a sua disposição concebida segundo princípios estéticos e simbólicos bem definidos, conforme nos atesta a seguinte descrição:

> *Lembrando-me da magnificência do jantar, devo advertir que adiantando-se, e aperfeiçoando-se a ciência dos cozinheiros, se introduziu o costume de se comporem as mesas como tal simetria, que a variedade, delicadeza e perfeição das iguarias não só fosse agradável ao gosto como à vista* […] *No meio da dita casa estava huma grande meza, no centro da qual se vião jardins, rios, pontes, arvoredos, pyramides, torres e muitas figuras de louça riquíssima que diserão ser da Saxónia* (*Cartas sobre Modas* 1789, p. 115).

Esta discursividade normativa corresponde, com frequência, à formulação de modelos de comportamento idealizados, assentes numa lógica de distinção social. Os textos analisados fornecem, assim, referências fundamentais para a análise das mentalidades e da consciência coletiva, permitindo, em muitos casos, interpretar as condições históricas e socioculturais no contexto das quais tais discursos emergiram e foram produzidos.

2. O DISCURSO PLÁSTICO: A CONSTRUÇÃO VISUAL DA MESA

Procurar-se-á identificar e analisar as ocorrências do quotidiano da mesa enquanto tema e registo iconográfico na pintura azulejar, entendidas como manifestações intimamente associadas não apenas à estética setecentista, mas também a uma determinada conceção de «arte de estar» e de modos de vida socialmente codificados.

Considerando o conjunto representativo de fontes visuais no domínio da azulejaria figurativa dos séculos XVII e XVIII, torna-se possível estabelecer uma relação de natureza recíproca entre três dimensões fundamentais: a definição do espaço pessoal, a articulação estrutural com a arquitetura na qual o revestimento azulejar se integra e a relação estabelecida com o espaço total representado.

Reconhece-se que o azulejo desempenhou, no período barroco, um papel singular não apenas pelo grau de integração e articulação com a arquitetura, mas também pela sua capacidade de sugerir volumetria e de reconfigurar o próprio espaço físico. O acentuado poder da imagem e a centralidade do visual, amplamente reconhecidos no contexto sociocultural deste período, encontraram neste suporte artístico um meio particularmente eficaz, na medida em que este possibilitava e favorecia a apropriação de um discurso visual por parte de determinados destinatários.

A azulejaria assumirá durante este período e neste contexto um papel e uma função preponderante e eminentemente social, tornando-se um *simulacro* de vida social.

A ideia principal é entender a relação entre a figuração e o seu lugar e espaço físico, mais especificamente perceber e demonstrar a tradução e recriação, adaptando a realidade portuguesa, desta vivência do quotidiano, e a sua demarcação e caracterização de zona ou espaços sociais específicos da arquitetura doméstica deste período.

Frequentemente a permanência de temas relacionados com a representação da mesa é tangível e interliga-se com cenas e ambientes galantes, atmosferas de ar livre e, por vezes, com algumas situações lúdicas, ou outros círculos da representação tais como temas bíblicos, mitológicos e alegóricos, fábulas, vistas de paisagem, cenas rurais e campestres, apontamentos e registos mais teatralizados.

Importa sublinhar as múltiplas dificuldades inerentes à interpretação do referencial destas figurações azulejares. A problemática da interpretação da azulejaria portuguesa, bem como da reprodução e circulação dos seus modelos, coloca de forma recorrente um conjunto de questões associadas aos processos de tradução visual do modelo original e às modalidades da sua representação. Coloca-se, neste contexto, a interrogação sobre o grau em que é possível identificar uma realidade especificamente portuguesa, bem como sobre a natureza dessas figurações: tratar-se-á de representações do real ou, antes, de representações de representações?

Mais do que proceder a uma análise exaustiva do grau de fidelidade da cópia ou da transposição entre a gravura e o azulejo, torna-se relevante destacar a força e a eficácia destas imagens enquanto referentes culturais, procurando compreender o papel desempenhado pelos próprios modelos no processo de criação artística e na construção de sentidos visuais.

Agrupámos um conjunto de imagens que sugerem ambientes tanto de interior como de exterior, desde compartimentos mais fechados a cenas de ar livre em jardins ou terraços e que cobrem diferentes momentos do ciclo de produção azulejar do período em questão, atendendo a uma preocupação mais temática do que cronológica ou geográfica.

Muitas das cenas que aparecem na azulejaria deste período representam frequentemente uma refeição em conjunto onde se procura registar a postura do corpo, a forma de trajar, a serventia da mesa pelos criados, o uso de talheres, a presença do guardanapo e da toalha, entre outros, como por exemplo o painel colocado numa das paredes exteriores do Palácio dos Guiões, em Lisboa (Fig. 3), representando uma cena de refeição em espaço fechado. Destacamos a preocupação que o pintor de azulejos teve em traçar determinados detalhes e pormenores, tais como a iguaria colocada no centro da mesa, provavelmente um coelho, e o refrescador, uma peça de uso que mantinha o frio e onde se inseriam as garrafas.



Fig. 3
Palácio dos Guiões, Lisboa, painel de azulejos da parede exterior, 2.º quartel do século XVIII
Fonte: Fotografia da autora



Fig. 4
Quinta das Carrafouchas em Loures, lago central, pormenor da decoração azulejar do interior do nicho central. Detalhe do painel. 1.ª metade do século XVIII
Fonte: Fotografia da autora



Fig. 5
Palácio dos Marqueses de Pombal em Oeiras. Sala de acesso ao jardim. Painel de azulejos do 2.º quartel do século XVIII.
Preparação do chocolate
Fonte: Fotografia da autora

Encontrámos este pormenor num painel existente na Quinta das Carrafouchas em Loures (Fig. 4) contendo várias garrafas de bebidas, os copos, o jarro e a terrina trazidos pelo criado, a toalha dobrada que cobre a mesa.

Outro exemplo bastante singular com figurações referentes à mesa é o conjunto de três painéis pertencentes ao Palácio dos Marqueses de Pombal em Oeiras (Fig. 5) onde um dos painéis nos descreve de forma bastante curiosa o momento da preparação do chocolate e da sua chegada à mesa, e o painel de uma coleção particular de Lisboa onde a cena individualizada retrata igualmente com detalhe as elites à mesa.

A representação revela particular rigor na descrição de toda a cena, no tratamento do mobiliário, no vestuário e na postura das personagens situadas em redor da mesa, que se por um lado manifestam uma certa desconfiança no uso do talher, também nos dão algumas indicações sobre o seu uso juntamente com o guardanapo e a toalha dobrada.

No grupo dos ambientes e cenas exteriores multiplica-se um conjunto de cenários; as merendas e refeições ao ar livre, lanches em terraços, muito frequentemente com acompanhamentos musicais, sendo uso na época, como sabemos, prolongar uma refeição por uma sobremesa durante a qual se discursava, se conversava ou se tocava e se ouvia música.

Cotejando com a documentação contida em livros e manuais de cozinha do século XVIII (como por exemplo dos já referidos autores Lucas Rigaud e Domingos Rodrigues), podemos enumerar a variedade de manjares e quase detalhar diferentes tipologias de refeição. As quatro refeições eram: almoço, jantar, merenda e ceia. Na primeira refeição da manhã eram servidos o chá, o café ou o chocolate, em bules, cafeteiras e chocolateiras de prata e em delicados serviços de porcelana. Estas bebidas voltavam a ser servidas no fim do jantar, o qual, com as diferentes *cobertas* e a sobremesa, era a refeição mais copiosa e demorada.

A merenda seria leve, registando-se o serviço de *orchatas* (refrescos) ou gelados, normalmente servidos em sorveteiras e catimploras de prata. A ceia, no fim da tarde, compreendia uma única coberta, composta por vezes de 27 pratos.

Podemos mencionar outros conhecidos e sugestivos exemplos, tais como os dois painéis pertencentes aos Palácios Centeno (Fig. 6) e dos Marqueses de Minas (Fig. 7), ambos em Lisboa, retratando cenas de mesa muito características da pincelada do pintor PMP: um desenho minucioso, de detalhe e pormenor, envolvido numa paisagem esfumada com bastantes elementos estereotipados. A pintura destas cenas é marcada por uma pincelada contida contra grandes superfícies de branco, muito característica da pintura do conhecido *Ciclo dos Mestres*, e o painel representando uma refeição ao ar livre (terraço), na Quinta de Manique (Fig. 8). A cena apresenta uma conceção teatral e cenográfica, onde o enquadramento sobrevive à parte figurativa.



Fig. 6
Palácio Centeno, Lisboa, painel de azulejos. Mestre PMP
Fonte: Fotografia da autora



Fig. 7
Palácio Marqueses de Minas, Lisboa, painel de azulejos. Mestre PMP
Fonte: Fotografia da autora



Fig. 8
Quinta de Manique, Cascais, painel de azulejos, exterior,
1.ª metade do século XVIII
Fonte: Fotografia da autora

De novo, uma mesa coberta de iguarias é o ponto de encontro social. Criados e um pequeno pajem apresentam os pratos. Ao fundo, uma esbatida paisagem prolonga este cenário. Este painel tem a particularidade de pertencer a um conjunto de quatro painéis (infelizmente cada vez menos percetíveis) que revestem a parede entre os cunhais das janelas, encimando bancos de pedra que lhe estão adossados.

Os temas representados prendem-se com a temática do lazer — baloiço, salto ao eixo e dança — evidenciados eles próprios no espaço social da habitação. É interessante observar nestes exemplos o «lazer no lazer», redobrando a ideia e o sentido lúdico do habitar barroco e ao qual conseguimos associar quase sempre uma cena de mesa.

Estes casos repetem-se especificamente em zonas de transição entre espaços abertos e espaços mais fechados, como varandas e terraços, onde o azulejo impõe cada vez mais a sua imaginação e singularidade narrativa.

Retomando a ideia inicial, é possível depreender que os revestimentos azulejares funcionaram, em termos mais amplos, como um verdadeiro jogo de espelhos, onde a imagem e o reflexo estabeleciam um diálogo simbólico e estético com o espaço envolvente.

Enquanto suporte de uma forma visual singular, o azulejo figurativo revelou-se um meio expressivo capaz de criar, ao longo do tempo, um autêntico espetáculo de representação. Dentro dos limites e possibilidades inerentes à sua natureza material, afirmou-se como uma das mais originais manifestações do período barroco em Portugal. Através dele, transparece uma notável capacidade inventiva e uma sensibilidade estética distintivamente portuguesa, evidenciando o apreço e o vínculo afetivo que a sociedade da época lhe dedicou ao integrá-lo nos espaços do quotidiano.

Tanto no interior das casas nobres e dos palácios quanto nas quintas de recreio, jardins e outros espaços abertos, o quotidiano incorporava o sentido do espetáculo, manifestando-se, como referido, na encenação dos comportamentos e nas diversas expressões culturais que davam vida às práticas de sociabilidade e às dinâmicas do lazer barroco.

O ato de estar à mesa, as refeições coletivas, os jogos de salão, os passeios, as merendas ao ar livre e os serões musicais desenrolavam-se em cenários cuidadosamente concebidos, marcados pela artificialidade pela profusão decorativa dos objetos e utensílios, nos quais o espaço ocupado pelo revestimento azulejar adquiria preponderância.

Em Portugal, ao longo do século XVIII, a habitação nobre caracterizou-se por uma notável ampliação e por uma criteriosa diferenciação dos dispositivos espaciais. Entre as diversas divisões da casa, particularmente na residência nobilitada, destacava-se a sala grande, ou salão nobre, espaço de inequívoca representação social, onde, como já referimos, eram frequentemente servidas refeições coletivas.

Infelizmente, poucos destes interiores de prestígio permaneceram intactos, tendo sido alterados em virtude das mudanças de gosto, de remodelações impostas pela funcionalidade ou dos danos ocasionados pelo terramoto de Lisboa, o que por vezes dificulta a leitura integral das espacialidades barrocas destes ambientes.

No contexto da habitação setecentista, concebida como espaço de elevada densidade vivencial e simbólica, como já foi referido, os interiores domésticos incorporam com frequência painéis de azulejos de reconhecida excelência estética, plenamente articulados com as determinações formais, funcionais e sociais dos ambientes que os acolhem.

A luminosidade e o brilho inerentes à pintura cerâmica e à superfície azulejar estabelecem um diálogo material e visual com elementos têxteis de carácter sumptuário, como sedas e brocados, assim como com diversas tipologias mobiliárias, contribuindo decisivamente para a construção de uma ambiência coesa, hierarquizada e consonante com os modelos de representação e sociabilidade característicos da sociedade do século XVIII.

Neste contexto, o azulejo afirmou-se enquanto elemento decorativo estruturante, impondo a necessidade de uma análise aprofundada com o diálogo que mantém com a arquitetura. Longe de se reduzir a uma função meramente ornamental, o revestimento azulejar participa ativamente na definição da espacialidade, na organização visual e na qualificação simbólica do espaço doméstico.

A articulação entre as cenas figuradas e o espaço arquitetónico configura-se, assim, como uma relação dialética complexa, na qual convergem princípios de natureza narrativa, expositiva e didática. Tal convergência evidencia o papel do azulejo como dispositivo privilegiado de comunicação visual e de produção de significados, assumindo particular relevância no quadro historiográfico da arquitetura civil e da cultura material do século XVIII.

NOTAS FINAIS

Em síntese, a representação das artes da mesa na azulejaria portuguesa do século XVIII constitui um importante testemunho das práticas de sociabilidade e dos modelos de autorrepresentação das elites do período moderno. Através da articulação entre discurso visual, aparato decorativo e códigos de civilidade, o azulejo afirmou-se como um dispositivo cenográfico privilegiado da cultura barroca portuguesa.

A análise destes programas figurativos permite compreender não apenas estratégias de gosto e consumo artístico, mas também os mecanismos simbólicos de construção social do espaço doméstico e das práticas de convivência associadas à mesa.

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

BLUTEAU, Rafael, 1712-1721. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero* […] *autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, vol. II.

Cartas sobre Modas. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1789.

Documentos Importantíssimos de hum Pay a hum Filho, para bem viver e bem acabar. Lisboa: [s.n.], 1758.

PRÉVOST, Abade, 1788. *Elementos da Civilidade e da Decência para instrução da mocidade de ambos os sexos*. Lisboa: Typographia Rollandiana.

PRÉVOST, Abade, 1787. *Elementos de Civilidade e Decência que se pratica entre gente de bem: para instrução da mocidade de ambos os sexos*. Lisboa: Typographia Rollandiana.

RESENDE, Marquês de, 1854-1857. Descripção e Recordações Históricas do Paço e Quinta de Queluz. *Panorama*. **XI**, **XII** e **XIV**.

RIGAUD, Lucas, 1780. *Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

RODRIGUES, Domingos, 1748. *Arte de cozinha dividida em três partes*. Lisboa: Officina de Manoel António.

SIQUEIRA, João de Nossa Senhora da Porta, 1791. *Escola de política, ou tractado pratico da civilidade portugueza*. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.

VASCONCELOS, João Rosado de Villa-Lobos e, 1782. *O Perfeito Pedagogo e a Arte de Educar a Mocidade*. Lisboa: Typographia Rollandiana.

ESTUDOS E OBRAS DE REFERÊNCIA CONSULTADAS

ARIÈS, Philippe, ed., 1990. *História da Vida Privada*. Lisboa: Afrontamento.

AURELL, Martin, Olivier DUMOULIN, e Françoise THÉLAMON, textes réunis par, 1992. *La sociabilité à table. Commensalité et convivialité à travers les âges. Actes du Colloque de Rouen, 14-17 novembre 1990*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen. Publications de l'Université de Rouen, 178.

BRAGA, Isabel Drumond, 2000. *Portugal à mesa: alimentação, etiqueta e sociabilidade (1800-1850)*. Lisboa: Hugin.

BRAGA, Isabel Drumond, e José Eduardo FRANCO, eds., 2023. *História Global da Alimentação*. Lisboa: Temas e Debates.

BRIAT, René, e François MATHEY, 1968. *Les objets: les arts de la table de la Renaissance au Modern Style*. Paris: Baschet.

BRITO, A. da Rocha, 1946. A Apologia do Garfo em Azulejos Lisboetas. *Boletim da Junta da Província da Estremadura*. Série II, (11), 1-12.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, 2011. Aparato e cenografia. A representação das artes da mesa na azulejaria do Portugal moderno (séculos XVII e XVIII). Em: Ana Isabel BUESCU, e David FELISMINO, eds. *A Mesa dos Reis de Portugal: Ofícios, Consumos, Cerimónias e Representações (Séculos XIII-XVIII)*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 420-437.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, 2005a. A escrita e a arte de «bem viver»: sociabilidade e cultura civil de Setecentos. Em: *Literatura e História: para uma prática interdisciplinar*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 217-228.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, 2005b. *A Arte de Bem Viver: a encenação do quotidiano na azulejaria portuguesa na segunda metade de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, 2003. Elementos de civilidade e decência que se pratica entre gente de bem: espaços, gestos e sociabilidade na cultura portuguesa de Setecentos. *Revista Genealogia & Heráldica*. (9/10), 327-342.

CAÑETE, Carmen, 2017. Gracejo, malícia, mitologia e poesia ao divino: comida e bebida na literatura (pré)barroca. Em: Francisco IVAN, Reny MALDONADO, e Samuel LIMA, org. *Colóquio Barroco IV*. Natal: EDUFRN, pp. 21-47.

DÍAZ, Lorenzo, 2005. *La Cocina del Barroco: la gastronomía del Siglo de Oro en Lope, Cervantes y Quevedo*. Madrid: Alianza Editorial.

MECO, José, 1984. O Palácio e a Quinta do Marquês de Pombal, em Oeiras (algumas notas sobre a arte no tempo de Pombal). Em: Maria Helena Carvalho dos SANTOS, coord. *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, vol. II, pp. 158-174.

MONTANDON, Alain, ed., 1995. *Bibliographie des traités de savoir-vivre en Europe*. Clermont-Ferrand: Association des Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines.

SIMÕES, João Miguel dos Santos, 2010. *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Ed. revista e atualizada por Maria Alexandra Trindade Gago da CÂMARA. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, 2005. *Artes da Mesa em Portugal*. Porto: Civilização Editora.

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, 2002-2003. Objectos precisos, aparato e representação das elites da corte portuguesa de Setecentos. *Armas e Troféus*. **IX**, 229-252.